

“EU JÁ TINHA ESSA ACEITAÇÃO”: O QUE A NARRATIVA DE UMA MÃE REVELA SOBRE EMOÇÕES E SAÍDA DO ARMÁRIO?

A MOTHER'S EMOTIONS WITH HER SON COMING OUT OF THE CLOSET: AN ETHNOGRAPHIC-CARTOGRAPHIC PERSPECTIVE

Jeferson Camargo Taborda **1**

Esmael Alves de Oliveira **2**

Resumo: Este trabalho discute alguns dos desafios relacionados ao processo de saída do armário (coming out) a partir da perspectiva de uma mulher/mãe de um rapaz homossexual. O trabalho é produto da dissertação de mestrado em Antropologia elaborada pelo primeiro autor (2023) e orientado pelo segundo. A entrevista foi realizada em junho de 2022 e seguiu o formato semiestruturado. Devido às restrições da pandemia da Covid-19, a entrevista foi realizada a partir do aplicativo Google Meet. Trata-se de uma pesquisa qualitativa situada entre o campo da Psicologia e da Antropologia, cujas análises estão ancoradas numa perspectiva etnográfica-cartográfica. Dentre as principais emoções presentes no relato da mãe destacamos a angústia, o silêncio, assim como a admiração e a afirmação de si. Esperamos que este trabalho possa inspirar outras pesquisas nas investigações sobre os aspectos emocionais presentes no processo de coming out.

Palavras-chave: Saída do Armário. Emoções. Cartografia. Etnografia.

Abstract: This work discusses some of the challenges related to the coming out process from the perspective of a woman/mother of a homosexual boy. The work is the product of the first author's dissertation, completed in 2023. The interview was carried out in June 2022 and followed a semi-structured format. Due to Covid-19 pandemic restrictions, the interview was conducted using the Google Meet application. This is a qualitative research situated between the fields of Psychology and Anthropology whose analyzes are anchored in an ethnographic-cartographic perspective. Among the main emotions present in the mother's report, we highlight anguish, silence, as well as admiration and self-affirmation. We hope that this work can inspire other research into investigations into the emotional aspects present in the coming out process.

Keywords: Coming out. Emotions. Cartography. Ethnography.

1 Doutor em Psicologia da Saúde pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Antropologia (UFGD) e em Psicologia (UCDB). Graduado em Psicologia (UCDB). É professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0631132223013537>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1564-3212>. E-mail: Jeferson.taborda@ufms.br

2 Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Graduado em Filosofia (UFAM) e Psicologia (UFGD). Docente nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e Psicologia (PPGPsi) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5410375038960540>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9235-5938>. Email: esmaeloliveira@ufgd.edu.br

Introdução

Saída do armário, ou *coming out*, é o termo desenvolvido por Eve Sedgwick (2007) para o processo de revelação da orientação sexual. Conforme a autora, a saída do armário vai muito além de uma metáfora, pois implica na regulação dos modos de existência e resistência de sexualidades dissidentes. O termo, cunhado nos anos 90, se tornou bastante profícuo não apenas no campo dos chamados estudos *queer* como também em diversas áreas (Oliveira, 2013; Soliva, Silva Junior, 2014; Duque; Seffner, 2022).

A fase da adolescência e o início da vida adulta têm sido apontados como os principais períodos de ocorrência da saída do armário. No entanto, tal processo pode também nunca chegar a ocorrer. Não existem, portanto, “padrões” para a revelação, já que depende muito de cada contexto específico (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

Na revisão de literatura empreendida por Geysa Nascimento e Fábio Scorsolini-Comin (2018), foi identificado que a saída do armário tende a operar de dois modos: de um lado, há a revelação de si mesmo (*outness*), como a descoberta de sua própria condição. De outro, há a revelação pública (*coming out*), sendo o mais comum que se realize com amigos próximos e familiares. A presente pesquisa analisa este segundo caso, pois acompanhamos a percepção da mãe e os diversos efeitos sobre a revelação da orientação sexual de seu próprio filho.

Adriana, nome fictício, foi convidada para esta pesquisa por participar de um projeto de extensão coordenado pelo primeiro autor entre 2018 e 2019. Na época da entrevista, Adriana tinha 56 anos, vivendo e trabalhando como funcionária pública em município do interior do Mato Grosso do Sul. A entrevista foi realizada em junho de 2022 e seguiu o formato semiestruturado. Devido às restrições da pandemia da Covid-19, a entrevista foi realizada a partir do aplicativo *Google Meet* seguindo os princípios éticos que orientam o trabalho antropológico com seres humanos (Cardoso de Oliveira, 2004).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa situada entre o campo da Psicologia e da Antropologia cujas análises estão ancoradas numa perspectiva etnográfica-cartográfica¹, tal como empreendido por Novak (2022). A etnografia, como dirá Cláudia Fonseca (1999), é uma ciência por excelência do concreto e um rico instrumento de análise da subjetividade articulada à dimensão social. A entrevista propicia um mergulho em situações estranhas que, ao mesmo tempo, revelam detalhes da alteridade e da vida social (Fonseca, 1999). Convocamos então autores e autoras das ciências humanas e sociais para nos auxiliarem no processo de compreensão sobre os dilemas e complexidades relacionais que cercam a saída do armário.

A outra referência metodológica utilizada aqui neste trabalho é a cartografia, conforme desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995). Segundo os autores, o método cartográfico propõe o acompanhamento das linhas desejanter nas quais os sujeitos estão implicados. Para efetivar esse mapeamento, faremos uso da teoria dos afetos de Espinosa (2014), visto ser essa uma das principais referências da perspectiva cartográfica.

No relato aqui analisado, acompanhamos algumas das linhas afetivas pelas quais a interlocutora passa a se pensar a partir da experiência de revelação da orientação sexual de seu filho. Aqui, tanto os afetos quanto as emoções são compreendidas na perspectiva antropológica, ou seja, como fenômenos complexos que emergem da interação entre o biológico e o cultural, são moldadas por práticas sociais, expressas através de corpos encarnados e carregam significados que refletem e influenciam contextos históricos e políticos específicos (Rezende; Coelho, 2010). Nesse sentido, é conveniente, portanto, destacar que o relato da mãe expressa não apenas uma dimensão subjetiva e particular, mas, sobretudo, a dimensão pública e política na qual a saída do armário implica.

1 A pesquisa foi realizada em um programa de pós-graduação em Antropologia, que seguindo o princípio da liberdade e autonomia das pessoas interlocutoras (conforme preconizado pelo código de ética da Associação Brasileira de Antropologia - ABA), e por não se tratar de uma pesquisa na área da saúde, não houve a exigência da submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Os autores do artigo reafirmam seu compromisso com os princípios éticos da área de Antropologia bem como o que determina a resolução 510/2016 do CNS que trata sobre Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, expresso na garantia do sigilo e anonimato das pessoas interlocutoras.

Emoções de uma mãe

Adriana é uma mulher branca, casada e possui formação de nível superior. Além do trabalho como funcionária pública, uma de suas principais atividades é a convivência em uma comunidade religiosa do município. Mesmo sabendo das restrições que o ambiente religioso lhe impõe, ela relata que fala abertamente sobre a homossexualidade do seu filho, participando de diversas atividades voltadas à temática da diversidade sexual.

Conforme podemos observar a partir de um dos fragmentos da entrevista, esse “falar abertamente” não significa que para Adriana a aceitação tenha se constituído sem um processo de tensionamento e negociação:

Pesquisador: Como que foi esse processo, na sua família, de saída do armário?

Adriana: Olha, quando os pais falam pra mim que têm filhos e que nunca percebem eu, particularmente, não acredito. Quando meu menino tinha 2 anos eu já percebia que o jeitinho dele era diferente do mais velho. Ele tinha trejeitos, ele dançava e brincava muito. Eu já tinha essa noção, com 2 anos de idade, e, com isso, eu já tinha um sofrimento interior, eu ficava pensando, nossa, como vai ser, o pai muito ignorante, muito fechadão, e já pensava no que ele poderia sofrer dos preconceitos da sociedade. Isso me causava uma dor constante e eu vivia atormentada com isso. Mas nunca toquei nesse assunto com meu marido, nem com meu filho. Eu fui levando esse pensamento, esse sofrimento comigo. E eu sempre pensava que quando meu marido soubesse, talvez, iria colocar ele pra fora, ele vai brigar. E eu sempre pensava, eu vou junto, eu vou junto, aquele amor de mãe que a gente sempre tem. Mas foi uma coisa tão surpreendente, que não sei nem explicar o quanto fui abençoada. Eu já tinha essa aceitação, e eu já dentro de mim pensava que eu precisava lutar e defender ele de quem quer que fosse. Quando foi ficando jovem, quando tinha 14 anos, ele falou comigo. Eu já imaginava que um dia a gente ia ter essa conversa. E foi bem tranquilo entre nós dois. E até hoje nós somos muitos amigos, tudo o que ele vai fazer, ele me liga, ele me pergunta, a gente tem uma relação de diálogo muito grande. Aí, eu disse, e agora, o teu pai, como fica? Ele falou assim, a senhora se prepara porque eu vou conversar com ele. Porque eu não quero uma vida escondida, eu não quero uma vida assim pra mim, quem for me aceitar tem que me aceitar como eu sou. Até falei pra ele da minha preocupação em relação ao preconceito. Ele disse, “mãe, eu sei disso, mas a senhora acha que eu quis ser assim? A minha vida é essa, eu nasci assim, então, as pessoas vão ter que aceitar, vão ter que me respeitar como eu sou”. E ele sempre colocou isso na minha cabeça, ele tinha que impor respeito nas pessoas, para as pessoas respeitarem ele. Isso foi uma coisa que ele me ensinou, então, eu sempre enfrentei isso de cabeça erguida. Eu nunca tive vergonha dele, quando as pessoas falavam no assunto, eu defendia. Ele me ajudou a ser forte nisso.

Então, ele marcou um dia de ir conversar com o pai dele. E eu já pensava o que é que eu vou levar da minha casa, o que é que eu vou levar embora, porque vou junto com meu filho, já estava pensando, né, que meu marido ia colocar a gente pra fora, ia virar um brigueiro. Mas foi uma coisa tão surpreendente que foi muito lindo, meu marido abraçou ele, disse que aceitava como ele era. Que estava triste porque não é o que ele queria, mas foi uma reação assim, inesperada, tanto pra mim quanto

para meu filho, e a gente chorou muito. E desde então a gente tem esse respeito, esse amor assim muito forte. Todas as pessoas que são amigas dele, que também são homossexuais, falam ‘tia, eu gostaria tanto que meus pais fossem igual a vocês, porque eu iria ser muito feliz.’ Então eu fico muito triste com os pais que não aceitam, mas muito mesmo. Porque eu vejo que essa aceitação nossa fez com que meu filho fosse uma pessoa diferente. Até profissionalmente parece que ele teve força de vontade de ir pra frente, de progredir, de estudar. E hoje eu me orgulho muito dele (Taborda, 2023, p. 66-67).

Na narrativa da interlocutora se evidenciam alguns aspectos que atravessam e constituem sua experiência em torno do *coming out* do filho. Ao voltar-se para as memórias de infância de seu filho, Adriana busca significar seus medos, inseguranças e possíveis “traços” ou “sinais” da dissidência sexual de seu filho. Suas lembranças em torno dos “modos de dançar”, “modos de brincar”, falam de uma possível precocidade da orientação sexual de seu filho, ao mesmo tempo em que servem como atestado de uma “origem”, “começo”.

Jeffrey Weeks (1999), mediante a perspectiva foucaultiana, argumenta que o corpo das crianças é um objeto privilegiado de vigilância e controle. Diversos mecanismos de normalização tendem a ser acionados antes mesmo de a criança nascer, tais como escolha dos nomes e pronomes de tratamento, cor e estilo dos vestuários. O corpo infantil é, portanto, objeto de inúmeros marcadores sociais de gênero, que têm a heterossexualidade como os significados centrais do que é considerado “normal” e “anormal”. Esses investimentos estão dispersos por toda a sociedade, mas tão logo sejam observados comportamentos ou desejos diferentes na norma estabelecida, isto é, do modelo heterossexual, é a família, principalmente a figura da mãe, a primeira a ser cobrada a responder socialmente por essa situação. Isso ajuda a entender por que as mães sentem de forma mais aguda a revelação da saída do armário, já que elas tendem a ser consideradas as principais responsáveis pela educação das crianças. Esse discurso emocional pode ser observado quando Adriana menciona ter experienciado dez anos de “sofrimento interior”.

A revelação do filho pode ser entendida como um segundo momento do relato de Adriana, acontecimento ocorrido quando ele já tinha 14 anos de idade. Conforme a interlocutora, a revelação foi “bastante tranquila”, exceto pela grande preocupação com uma possível reação do pai. O sofrimento de Adriana se dava em torno da possibilidade de que, diante da revelação de seu filho, o pai pudesse expulsá-lo de casa. Em um enredo em que a dicotomia heterossexual/homossexual se torna uma estrutura central, o conhecimento (ou desconhecimento) sobre a sexualidade pode ser um campo de tensão, onde a ignorância não é simplesmente a ausência de conhecimento, mas uma posição ativa que sustenta estruturas de poder e opressão. A ignorância é usada tanto para oprimir quanto para proteger (Sedgwick, 2007).

É possível observar que a revelação nunca é absoluta, pois está sempre marcada por nuances e novos desafios. Tiago Duque e Fernando Seffner (2022), desdobrando as discussões do armário propostas por Sedgwick (2007), propõem um interessante debate sobre o “segundo armário”, produzido pela soropositividade HIV/Aids. Os autores explicam que a lógica do armário não pode ser reduzida ao mecanismo “dentro-fora”, já que envolve outras questões complexas como o ocultamento parcial, a revelação tardia ou mesmo o “não se assumir”. Isso ajuda a compreender o drama vivenciado por Adriana perante essa “segunda” revelação ao marido/pai.

Outro aspecto importante diz respeito ao trabalho intersubjetivo incumbido às mulheres. Conforme a pesquisadora Valeska Zanello (2020), na nossa sociedade, além de trabalhos materiais como atividades domésticas e a educação dos filhos, as mulheres respondem por um importante trabalho subjetivo relacionado ao acolhimento emocional da família. A observação de Adriana sobre o marido ser “ignorante” e “fechadão” não é fortuita, pois a expulsão do filho de casa, e, conseqüentemente, o fim do seu casamento, eram possibilidades reais. Coube a Adriana a difícil tarefa de mediar a revelação do filho e as imprevistas reações do marido. Expressões como “dor constante” e “atormentada” fazem parte da gramática emocional envolvida. Não por acaso, nos termos de Sedgwick (2007), o “armário” representa a condição de ser invisível ou oculto em relação à orientação sexual, uma situação que afeta profundamente a vida e a identidade das pessoas LGBTQ+. O ato de “sair do armário” é um processo de tornar visível o que foi ocultado, mas Sedgwick

problematiza a ideia de que isso sempre leva a uma libertação ou autoconhecimento simples, pois pode também envolver novos tipos de vigilância e controle.

Em seguida, Adriana se diz bastante surpreendida pela reação positiva do marido frente à revelação do filho. Uma forma de problematizar essa emoção pode ser a partir da “admiração”. Conforme Espinosa (2014), a admiração é o resultado de um encontro singular e, portanto, único. Devido a essas características, o fenômeno singular possui maior capacidade de marcar a memória dos sujeitos. Por vivermos numa sociedade heteronormativa, machista e patriarcal, Adriana sabia que o marido poderia rejeitar o próprio filho, podendo, inclusive, reagir de forma agressiva (Miskolci, 2009). Ela se admira porque a aceitação do marido/pai pela homossexualidade do filho é uma exceção.

A admiração também aparece quando relembra a fala dos amigos de seu filho. Esses amigos admiram a conduta dela e de seu marido em aceitar a homossexualidade do filho, porque sabem que, infelizmente, não é o mais comum. Adriana então diz se entristecer pelas famílias que não entendem a orientação sexual dos filhos. Essa tristeza também pode ser analisada pela teoria dos afetos de Espinosa (2014, p. 113): “Quem imagina que aquilo que ama é afetado de tristeza será igualmente afetado de tristeza, a qual será tanto maior quanto maior for esse afeto na coisa amada”. Dito de outro modo, os preconceitos e discriminações não atingem somente as pessoas homoafetivas, mas também os familiares, principalmente, as mães. Essa perspectiva pode ajudar a compreender a dificuldade dos familiares no acolhimento dos filhos que saem do armário.

Apesar do relato de Adriana buscar reforçar a ampla e irrestrita aceitação, torna-se importante observar algumas ambiguidades no seu relato, que podem ser bastante importantes para compreender as contradições inerentes ao processo de saída do armário. Se a aceitação é quase sempre um processo marcado por nuances, como argumentamos, é compreensível que os discursos dos familiares sobre o processo contenham ressalvas e ambiguidades. Termos como “apesar da aceitação”; “estava triste porque não é o que ele [o marido] queria, mas...”. É bastante perceptível a existência de um mal-estar causado pela revelação. Se a identidade sexual não é uma essência fixa, mas algo que é constantemente performado e renegociado. A performatividade do “armário” envolve não apenas a identidade pessoal, mas também as expectativas e normas sociais que moldam como a sexualidade é expressa e percebida (Butler, 2013; Sedgwick, 2007).

Soliva e Silva Junior (2014) salientam que é bastante comum o momento da revelação se aproximar da prática religiosa da confissão. Isso porque a pessoa que sai do armário sente que precisa anunciar uma falta muito grave perante uma autoridade exterior. Cabe então à família, geralmente, a partir de uma figura de autoridade, apresentar suas considerações, dizendo se “aceita” ou não a revelação. Pode-se notar que algo semelhante aconteceu durante a revelação do filho de Adriana.

Essa “aceitação condicionada” relatada por Adriana e pelo marido aparece em outros momentos da interlocução:

Adriana: Então, daí, na época, eu sempre dizia para não ser promíscuo, ficar com muitas pessoas, porque isso não era necessário. Ele dizia, ‘mãe eu não sou assim, eu quero ser feliz’. E realmente ele arrumou um companheiro, durou cinco anos de namoro. Mas, por que ele não foi feliz nesse namoro? Porque a família do moço não aceitava. Então, era uma coisa assim dele sair e a mãe dele ficava brigando, era muito difícil, eles sofreram muito, muito mesmo, por conta da mãe do moço não aceitar o filho. Daí, eles terminaram. Ele disse que se fosse arrumar outra pessoa a família dessa pessoa ‘teria que me aceitar, senão, não vou ficar com essa pessoa porque assim não dá’, era muito sofrido. Agora, vai fazer quatro anos que ele está com um companheiro, estão morando juntos, compraram casa juntos, eles moram juntos mesmo.

Pesquisador: Ele tem quantos anos atualmente?

Adriana: Agora ele tá com 33.

Pesquisador: Ah, sim, sim.

Adriana: Então, agora eles dividem casa, despesas, né? Tão morando juntos. Eles falam em casamento, mas ainda não teve essa oportunidade. É interessante que a família desse cara, nossa, como aceitam meu filho. É outra família, assim, de aceitação extraordinária sabe? Tratam como filho, então, é muito bom. As duas famílias se misturam tranquilamente. Eles ficam aqui em casa, dormem juntos, meu marido não fala nada. Pra gente, assim, é bem tranquilo (Taborda, 2023, p. 73).

A saída do armário implica em todo um rearranjo das relações cotidianas na família. No caso de filhos que moram e dependem financeiramente da família, essa situação torna-se ainda mais complexa. Isso ajuda a entender por que muitos jovens costumam fazer a revelação apenas depois de sair de casa e ao ter alguma independência longe da família (Oliveira, 2013; Soliva, Silva Junior, 2014; Nascimento, Scorsolini-Comin, 2018).

Adriana relata que um de seus primeiros conselhos foi o cuidado com a promiscuidade, um estereótipo comum remetido às pessoas homoafetivas (Oliveira, 2013). Não é por acaso que, logo em seguida, ela relata e dá destaque às relações estáveis e monogâmicas de seu filho.

Em “Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical da Política da Sexualidade” (2017), Rubin argumenta que as sociedades contemporâneas organizam a sexualidade em uma hierarquia, em que certas práticas e identidades sexuais são valorizadas e legitimadas, enquanto outras são marginalizadas e estigmatizadas. Por exemplo, a heterossexualidade monogâmica e reprodutiva é frequentemente vista como a norma desejável, enquanto práticas como homossexualidade, bissexualidade, BDSM e outras são desvalorizadas. De acordo com a autora, a regulação da sexualidade não é apenas uma questão de moralidade pessoal, mas é profundamente política. Não por acaso, ela examina como diferentes formas de desejo são reguladas através de leis, normas sociais e discursos médicos e psiquiátricos.

Assim, as preocupações de Adriana em torno de uma possível “promiscuidade” de seu filho pode ser associada ao que Rubin intitula de “pânico moral”, em que certas práticas sexuais são alvo de reações exageradas e histeria pública. Esses pânicos morais frequentemente resultam em repressão legal e social, levando a uma maior marginalização de grupos já vulneráveis. Tais pânicos são manipulados para controlar a sexualidade.

Nas palavras da autora,

[...] se encontram heterossexuais monogâmicos não casados em relação conjugal, seguidos pela maioria dos heterossexuais. O sexo solitário flutua ambigualmente. [...]. Casais lésbicos e gays estáveis, de longa duração, estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos estão pairando um pouco acima do limite daqueles grupos que estão na base da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais (Rubin, 2017, p. 16).

Aqui podemos observar novamente o que estamos chamando como “aceitação condicionada”. A monogamia e a relação duradoura, valores de tradição religiosa, emergem como modos de apaziguar o peso moral imposto à homoafetividade. A adesão ou não ao comportamento monogâmico constitui-se, portanto, numa importante condição para “aceitação” ou não da saída do armário. A chamada promiscuidade, noção bastante presente em discursos religiosos, coloca a pessoa numa condição subalternizada e, conseqüentemente, mais distante dos valores hegemônicos (Rubin, 2017). Ao mesmo tempo, faz com que as dissidências sexuais e de gênero sejam inseridas em um novo armário, já que emergem de processos de “aceitação” dissimulados: “Don’t ask, don’t tell” (“Não pergunte, não conte”).

A seguir, outro fragmento da entrevista:

Pesquisador: Além da questão familiar, você acha que mudou

alguma coisa em relação a outras áreas, por exemplo, no trabalho ou igreja, amigos?

Adriana: Então, o que acontece em relação ao trabalho? Ele foi muito bem aceito no trabalho dele. É aquilo que disse, ele respeita as pessoas, ele impõe respeito, não tem pegação. A gente entende que não é necessário perto de outras pessoas. Não tenho nada contra, mas isso é dele, ele nunca gostou disso. Ele tem amizades muito boas, com famílias hétero, com filhos, participam da casa de um e do outro. E as pessoas admiram o jeito dele ser. Agora, sobre igreja, ele não se sente acolhido. Ele fala, “mãe, eu não consigo, fico ouvindo aquelas coisas, mas não tenho vontade de voltar. Eu sou de um segmento religioso, sou católica, uma cristã frequente, assídua e participo de um monte de coisas, mas eu confesso que, muitas das vezes, quando eu começo a ouvir eles falando algumas coisas, me dá vontade de levantar e ir embora. Pra mim, levantar e enfrentar todo mundo, parece que eu não tenho força...

Pesquisador: É, também é complicado, né?

Adriana: É, e eu já me debati muitas vezes com algumas falas. Às vezes, eu penso em me afastar, mas aí eu penso que aquela é a minha igreja e se eles não aceitam é problema deles. Mas a gente escuta alguma fala de que eles não são favoráveis, muita coisa que eu não penso assim. Eu acho assim, que se meu filho é desse jeito é porque Deus permitiu, Deus ama ele da mesma forma como qualquer ser humano. Eu não vejo isso como um pecado. Desde pequeno, as meninas vinham aqui em casa, mandava cartinha, e ele nunca namorou ninguém, e tem algumas que até hoje me chamam de sogra, elas brincam. Mas ele sempre foi muito franco com elas: não é isso que eu quero. Eu tenho muito orgulho do meu filho, mesmo, até você, se conhecer ele, vai gostar muito (risos)” (Taborda, 2023, p. 75).

Vale destacar aqui o trecho onde Adriana diz sobre seu filho ter boas amizades e como na sequência ela destaca serem essas de “famílias heterossexuais”. Como foi dito no início do trabalho, para além de uma simples opinião particular, o discurso de nossa interlocutora reflete um determinado pensamento social hegemônico, no caso, o alto valor que a heterossexualidade possui em nossa cultura. Como dirão Deleuze e Guattari (1995), não existe nenhum discurso isolado, pois sempre faz parte de um agenciamento coletivo de enunciação.

Adriana percebe o enorme peso moral imposto à homossexualidade e diz sentir exaurida para lutar contra esses discursos. É possível trazer aqui novamente as discussões de Rubin (2017) sobre a relação direta entre a sexualidade e a ideia de pecado, conforme construída pelas instituições religiosas. Essa forte associação que coloca a homossexualidade como algo pecaminoso não se encontra apenas nas igrejas, visto que está pulverizada nos mais diversos espaços de sociabilidade. Adriana argumenta que se seu filho nasceu assim, essa condição não pode ser vista como pecado. Ela ainda relembra as cartas que o filho recebia de garotas e como ele nunca expressou quaisquer desejos heterossexuais.

Na sequência, Adriana narra as emoções e sentimentos que vivenciou durante o processo.

Pesquisador: Eu notei que você falou que foi um processo, se ele tinha 2 anos e foi falar contigo lá pelos 14, você viveu por volta de uns dez, doze anos nessa dúvida, né, de certo modo.

Adriana: Era tipo uma agonia...

Pesquisador: Então, isso que eu ia perguntar, se fosse para nomear essas emoções, você acha que seria uma agonia?

Adriana: Uma angústia, eu acho, uma dúvida. Eu pensava assim,

gente, não é possível que meu marido não tá percebendo. Meu marido não tinha coragem de falar nada, nem eu. Só que eu acho que meu marido também percebia. Eu acho que quando um pai fala assim, “aí, eu fui descobrir agora que meu filho falou, nunca percebi”, eu não acredito, pode ser, eu não sei também, por que não sou dona da verdade, cada um é cada um. Mas eu vejo que tem muitos pais que colocam uma peneira, que não quer ver. Mas o filho que nasce assim, a gente percebe a forma dele agir. Ele, com 2 aninhos, eu já tinha certeza, eu olhava e observava e já tinha essa certeza. E ficava com esse sentimento, angustiada, porque teria que lidar com meu marido e com a sociedade (Taborda, 2023, p. 76).

Sedgwick (2007) destaca que o processo de manutenção do segredo nunca se esgota, visto que sempre se renova em novas interações:

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não (Sedgwick, 2007, p. 22).

Esse trecho pode ajudar a entender as emoções relatadas por Adriana. Em uma perspectiva antropológica, as emoções carregam significados simbólicos que são comunicados através de linguagens, rituais e outras formas de expressão cultural. Portanto, elas não são apenas experiências internas, mas também são performadas e comunicadas de acordo com normas e expectativas sociais (Rezende; Coelho, 2010).

Outros autores se concentraram na ideia de emoções como práticas performativas. A abordagem da performance sugere que as emoções são encenadas e expressas de maneiras específicas, de acordo com as normas culturais e sociais. Erving Goffman (1988), por exemplo, estudou como as interações sociais e os “papéis” que as pessoas desempenham afetam a expressão emocional.

Para Goffman (1988), o embaraço se trata da possibilidade de revelação de um estigma. O embaraço tende a emergir toda vez que o segredo ameaça ser revelado. Já a angústia seria um ponto de não retorno, ou seja, o momento em que o estigma estaria prestes a ser revelado. Adriana relata que ficou intrigada com o silêncio do marido perante os comportamentos do filho ainda pequeno. O silêncio entre o casal, para ela, era sentido como algo embaraçoso.

A situação embaraçosa e angustiante, muitas vezes, acaba por envolver outras pessoas próximas. Goffman (1988, p. 19) cunha então o termo “companheiros de sofrimento”, para nomear as pessoas que convivem com pessoas estigmatizadas. No caso da saída do armário, é fácil perceber que as mães são umas das principais envolvidas na ansiedade sobre a revelação do estigma.

Na esteira dessas experiências relatadas, Adriana, ao ser interpelada, compartilha suas vivências em torno da noção de “vergonha”

Pesquisador: Você acha que, depois que teve a conversa, essa angústia foi minimizada, teve uma mudança?

Adriana: Sim, demais, porque, como te falei, meu filho me ensinou a não ter vergonha disso. Então, na época, eu fazia faculdade ao mesmo tempo que ele, eu fazia pedagogia e ele fazia direito, estudávamos no mesmo turno, noturno. E eu percebia risadinhas quando ele passava, me doía. Eu conseguia enfrentar a pessoa de cabeça erguida. Eu chegava e falava “é dele que você tá rindo, por quê? Eu perguntava, eu

questionava, a pessoa ficava sem graça, porque ela sabia que eu era mãe dele. Então, assim, eu enfrentava ou fingia que não estava vendo, dependia do dia, quando estava boa eu deixava passar, mas nunca briguei. Eu perguntava assim: “o que você está achando diferente? O que tem de anormal nele que eu não estou entendendo, não estou conseguindo ver, o que está acontecendo? Não tô vendo nada diferente nele, você tá vendo?” Então a pessoa não tinha o que responder, a pessoa ficava sem graça. Já enfrentei muito na faculdade. Ele nunca se importou com o que pensavam dele. E não sei se foi por conta dessa aceitação, mas depois teve mais sobrinhos que tiveram coragem pra falar para os pais.

Pesquisador: Da sua própria família?

Adriana: Isso, e é engraçado que mais da família do meu marido. Eles são em cinco irmãos e, desses cinco, só um não tem filho homossexual, os outros todos têm.

Pesquisador: Interessante.

Adriana: Foi assim, um foi falando, o outro foi falando e, é engraçado, que todos se aceitam agora.

Pesquisador: Essa era uma coisa que eu iria perguntar, além do núcleo familiar, então, na família extensa, você percebe que isso também foi aceitável, não teve problema?

Adriana: Sim, foi aceito pelos irmãos dele.

Pesquisador: Interessante.

Adriana: Eu tenho sobrinhos, do lado do meu esposo, que têm uma aceitação boa também. Então, é muito bom isso, é bem tranquilo na família. Outro detalhe interessante, é que meu genro, ele tem um irmão e os dois são homossexuais, e a aceitação dos pais deles também é muito bonita, amam os filhos incondicionalmente” (Taborda, 2023, p. 77-78).

De acordo com a teoria espinosana dos afetos, “a audácia é o desejo pelo qual alguém é incitado a fazer algo arriscado ao qual seus semelhantes temem se expor” (Espinosa, 2014, p. 150). De acordo com essa teoria, quando a coragem visa à conservação de outra pessoa, é dito que ela é generosa, ou seja, é quando a pessoa se arrisca generosamente pelo outro. Isso converge com o relato de Adriana quando enfrentava os preconceitos que cercavam seu filho.

A audácia de Adriana também pode ser compreendida como um interessante exercício de afirmação de si, tal como propõe Espinosa (2014). Para esse filósofo, o esforço pela continuidade da existência é a principal necessidade dos seres viventes. Ao mesmo tempo em que defendia a dignidade de seu filho, o enfrentamento de Adriana contra o preconceito reafirmava sua posição de mãe de um rapaz gay. Podemos então dizer que todo um processo de afetação se deu em torno do *coming out*. Entre compreensões e incompreensões, entre “aceitações” e negociações, os afetos e os sentimentos de Adriana, bem como os de seu filho, eram mobilizadores de uma saída do armário tanto individual quanto coletiva, tanto “privada” quanto pública.

Ao longo de nosso percurso, quisemos evidenciar como as emoções não são apenas experiências individuais, mas também são moldadas por contextos culturais e sociais. Desse modo, ao buscar compreender as emoções de Adriana em torno do *coming out*, apontamos para a importância de se levar em consideração o lugar dos afetos e das emoções na modulação das normatividades acerca das sexualidades dissidentes. Nesse sentido, acreditamos que a antropologia das emoções e os estudos de gênero e sexualidade oferecem contribuições significativas para uma compreensão social, simbólica e política do *coming out* (saída do armário).

Considerações finais

A saída do armário tem sido descrita na literatura como um processo amplo e multifacetado. Apesar de parecer algo apenas do foro íntimo do sujeito, é importante refletir sobre o caráter social

desse fenômeno. Isto porque, o ato de revelar a orientação sexual tende a envolver não apenas a família, mas, sobretudo, relações exteriores e instituições variadas. Exatamente por ter esse caráter, defendemos que a saída do armário precisa ser sempre compreendida enquanto um fenômeno público e político (Taborda, 2023).

A maioria dos trabalhos sobre o tema tendem a trazer somente o relato de pessoas autodeclaradas, ao mesmo tempo em que são poucos os trabalhos sobre a perspectiva dos familiares (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018). Mesmo com todos os vieses que isso implica, o relato dos familiares é igualmente importante para auxiliar na compreensão desse processo.

Durante a revelação, quase sempre são as mães as pessoas mais envolvidas. Conforme Valeska Zanello (2020), nossa cultura naturalizou que as mulheres são as responsáveis pelo suporte emocional da família. Vimos no relato de Adriana que ela ficou mais de dez anos precisando lidar sozinha com a possibilidade da saída do armário de seu filho. Isso demonstra a necessidade de problematizar as normatividades de gênero que configuram e situam o *coming out* para além das próprias pessoas LGBTQs.

Por fim, vale ressaltar a necessidade de mais estudos contemplando o relato de mães e demais familiares. Trata-se de um fenômeno ainda cercado de muitos preconceitos e invisibilidades. Em uma perspectiva cultural e relacional, trata-se de reconhecer que não apenas a sexualidade, mas também os afetos e emoções são políticos. Nesse percurso, os diálogos entre Antropologia e Psicologia se mostram fecundos.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Pesquisa em versus pesquisas com seres humanos. *In*: VICTORA, C. *et al.* (Org.). **Antropologia e ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF/ABA, 2004. p. 33-44.

DUQUE, T.; SEFFNER, F. A epistemologia do segundo armário: canais de gays HIV+ no YouTube como artefatos pedagógicos. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 60, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/30036>. Acesso em: 17 fev. 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

ESPINOSA [SPINOZA], B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, v. 10, n. 1, p. 58-78, 1999.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MISKOLCI, R. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, v. 9, nº 2, p. 171-190, 1º sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/30910/17999>. Acesso em: 15 set 2023.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, set. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jul 2023.

NOVAK, J. P. **“Barba, cabelo e bigode”**: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em

uma barbearia na cidade de Campo Grande - MS. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

OLIVEIRA, L. **Os sentidos da aceitação**: Família e Orientação Sexual no Brasil Contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2010.

RUBIN, G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *In*: G. Rubin, **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SEDGWICK, E. K. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** [on-line]. n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em: 9 jul. 2023.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro) [on-line]. v. 0, n. 17, p. 124-148, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.17.08.a>. Acesso em: 9 jul. 2023.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Editora Appris, 2020.

Recebido em 18 de fevereiro de 2024.

Aceito em 26 de maio de 2023.